



GUERRA NUNCA MAIS – PROJETOS DE APRENDIZAGEM DA TURMA 1

*Isabel Candeias*¹

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES (AEFS)

*Andréa Duarte*²

INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS (ICE)

RESUMO

Este texto apresenta um conjunto de projetos de aprendizagem desenvolvido em cooperação pelos alunos da Turma 1 ao longo do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. Neles estão contempladas as diversas dimensões da sua participação; a articulação entre disciplinas na construção curricular, identificando as relações de multi, inter e transdisciplinaridade; e a importância dos amigos da turma e da escola como facilitadores das aprendizagens. Salienta-se a Educação para a Cidadania como elemento central do desenvolvimento dos projetos, permitindo um olhar informado e refletido sobre o mundo, bem como o desenho de ações criativas capazes de dar voz aos alunos na sua ação cidadã, sustentada no conhecimento escolar e nas experiências da vida quotidiana.

Palavras-chave: Projetos de Aprendizagem; Cooperação; Cidadania; Criatividade; Articulação Curricular.

Introdução

Este texto apresenta as linhas mestras dos projetos de aprendizagem desenvolvidos pela Turma 1 de um agrupamento de escolas do norte de Portugal, os quais constituíram a base da intervenção dos estudantes no Webinário “Educação e Cidadania Global Criativa”. Essa participação foi um marco na vida dos alunos desta turma, porque, estando próximos de concluir o ensino básico, tiveram a oportunidade de mostrar algumas das aprendizagens realizadas e o desenvolvimento de competências alcançado, sendo capazes de, sinteticamente, apresentarem o seu trabalho a um grupo de adultos composto por investigadores, pedagogos, especialistas nas teorias e nas práticas educacionais.

¹ isabel.candeias@gmail.com

² andrecas73@gmail.com

Os cerca de trinta minutos que durou a participação da turma no Webinário foram o resultado de várias sessões de trabalho cooperativo e individual: fazer o levantamento do essencial dos projetos realizados por estes alunos desde o 5.º ano de escolaridade, identificar a sua relevância em termos da aprendizagem de cada um e construir um texto que pudesse ser apresentado oralmente a outras pessoas que não conheciam as suas experiências. Foi necessário dividir tarefas, organizar as ideias e convertê-las em informação, elaborar o formato da apresentação e incluir todos, os mais tímidos, os que ainda têm algumas fragilidades na comunicação em português por não ser a sua língua materna, os que gostam de ficar nos bastidores e os comunicadores. Foi um trabalho interessante, ele próprio potenciador de novas aprendizagens, mediado pelos professores e pelos parceiros, amigos da turma e da escola.

É, pois, a voz dos estudantes que se deve escutar nas palavras que se seguem, as suas decisões, ações, reflexões e aprendizagens. É o entusiasmo, o empenho, a criatividade e o olhar sobre si e sobre os outros, sobre a cultura e as experiências de vida de cada um, antes e enquanto estiveram juntos. A cidadania foi sempre o núcleo de desenvolvimento de todas as ações. Em todos os momentos se olhou, interpretou e construiu o mundo a partir do currículo e, quando ele não respondia às necessidades, construiu-se currículo. A criatividade e a cooperação foram o princípio da ação para que todos pudessem ter espaço de participação, de construção e de criação.

No Webinário, os alunos começaram por apresentar o projeto que desenvolveram no 8.º ano de escolaridade, mas, neste texto, adotámos uma ordem cronológica, começando pelo 5.º ano, por considerarmos que esta opção permite uma melhor descodificação das ações de aprender, justificando as aprendizagens e as competências desenvolvidas pelos alunos.

1. Quem são os alunos da Turma 1

Os alunos desta turma são crianças que se encontraram no mesmo agrupamento de escolas, em setembro de 2016, para iniciarem o 2.º ciclo de escolaridade. Formou-se um núcleo que se manteve durante os cinco anos do 2.º e 3.º Ciclos. Houve alunos que entraram e saíram da turma, levados pelas contingências de vida das suas famílias. A turma teve, ao longo dos anos, um número inferior a vinte e cinco alunos, tendo terminado com o seu número mínimo, vinte alunos.

Ao longo dos cinco anos, o grupo caracterizou-se pela multiculturalidade, já que a turma teve alunos oriundos de sete países – Portugal, Brasil, Ucrânia, Iraque, Nepal, Angola e Guiné-Bissau –, juntando-se ainda os alunos de etnia cigana. Tiveram oportunidade de partilhar línguas maternas, culturas e experiências enquanto aperfeiçoavam a comunicação em Língua Portuguesa e interpretavam o mundo. Desde o 5.º ano que se optou por uma abordagem curricular integradora, sustentada na construção de projetos de aprendizagem que priorizaram a cidadania, a cooperação, a leitura, a escrita e o pensamento crítico e criativo, numa perspetiva de

desenvolvimento das áreas de competência do “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”³ e a “Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania”⁴. Como referido, a cidadania foi, ao longo dos cinco anos de escolaridade, o núcleo central da aprendizagem, criando-se condições para que se experienciasse e se refletisse sobre a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos, a promoção da saúde e do ambiente. Neste caso, a estratégia de Educação para a Cidadania passou pela relação intrínseca entre o que se aprendeu em cada disciplina do currículo e a reflexão sobre os acontecimentos, as causas e os efeitos da ação humana e o impacto das decisões pessoais e coletivas. Desta forma, as disciplinas encontraram um compromisso na construção de uma visão global do mundo, uma visão humanista que considera a sociedade centrada na pessoa e na sua dignidade.

2. A Cidade dos Direitos

No 5.º ano, lemos o D. Quixote e inventámos uma cidade em que todos tinham direitos, os animais e as pessoas. Com o que aprendemos, apresentámos um pequeno espetáculo aos nossos colegas e famílias. Uma história musicada de uma ovelha que foi salva e passou a viver na cidade dos direitos (Leandro).

Tudo começou com a constatação da necessidade de as crianças, no início do 5.º ano, desenvolverem o gosto pela leitura e pelos livros. Numa parceria com o Instituto das Comunidades Educativas (ICE), a professora Andréa Duarte levou até à sala de aula o projeto “Barrigada de Histórias”. Libertou-se o centro da sala de mesas e cadeiras e espalhou-se uma enorme quantidade de livros, em cima de mantas, no chão. Num primeiro momento fez-se uma apresentação breve do tipo de livros presentes e da forma como estavam organizados nas mantas. Depois leram-se muitas histórias em voz alta, até o grupo ter “a barriga cheia de histórias”. Seguiu-se um segundo momento em que os alunos tiveram tempo para explorar livremente todos os livros – as crianças folhearam-nos, leram imagens e detiveram-se nos textos, uns de forma mais acelerada, querendo ver muitos livros, outros observando cada pormenor do texto e da imagem. No final, foi interessante observar as escolhas feitas por cada aluno, para partilhar na roda com os colegas, pondo em evidência os vários tipos de leitor presentes na turma. De forma voluntária, manifestaram-se sobre as razões por que gostaram mais ou menos dos livros escolhidos, mostrando como a leitura tem múltiplas dimensões, dependendo da experiência de vida de cada um e de como cada um experiencia o objeto livro. Esta atividade foi tão apreciada que foi realizada inúmeras vezes ao longo dos cinco anos, tendo-se articulado, a partir do 8.º ano, com as “Tertúlias Literárias Dialógicas” e, mais adiante, para as “Tertúlias Artísticas” e as “Tertúlias Musicais”, no âmbito do projeto “INCLUD-ED/Comunidades de Aprendizagem”.

³ Disponível em <https://bit.ly/2VbSPLI>

⁴ Disponível em <https://bit.ly/2WMPzrc>

Esse projeto culminou com a construção de uma dramatização – “A Cidade dos Direitos” – que foi apresentada no final do ano letivo à comunidade escolar, tendo sido o texto, a música e os adereços concebidos e construídos pelos alunos com o apoio de colegas do 8.º ano e alunos da Licenciatura em Educação, da Universidade do Minho. No final do 9.º ano, a turma ainda sabia as quadras do *Rap dos Direitos*, criadas na altura.

O cartaz (Figura 2), produzido por todos e apresentado por oito alunos da Turma 1, três anos depois, em Paris, no FIDEC - Festival Internacional dos Direitos da Criança e da Cidadania⁸, mostra as ações identificadas por eles como mais relevantes, afluindo o trabalho desenvolvido e as aprendizagens realizadas.



Figura 2 – Cartaz representativo do projeto D. Quixote apresentado em Paris em outubro de 2019

A escolha, pelos alunos, da obra a explorar e a forma como interpretaram a ação de D. Quixote, levando-a para o plano da luta pela igualdade de direitos, foi facilitadora do desenvolvimento do projeto, desde a identificação das atividades e das estratégias de aprendizagem, passando pela articulação das disciplinas, até à agregação dos parceiros

⁸ Ver o site <https://bit.ly/3yI56p0>, onde se pode ler que “o ‘Festival Internacional dos Direitos da Criança e da Cidadania’ faz parte do processo da ‘Convenção Juntos pela Educação’ e do programa nacional de 30 anos da ‘Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança’”.

mediadores e motivadores do trabalho escolar. O objetivo de proporcionar experiências que levassem os alunos a gostar de estar na escola foi concretizado.

3. Se esta rua fosse minha...

No 6.º ano estudámos a qualidade da vida das nossas casas, ruas e bairros. Entrevistámos pessoas, organizámos dados, e até planeámos a pintura de um prédio degradado onde morava um colega nosso. Vimos que um dos campos de jogos do nosso bairro era frequentado por pessoas que o deixavam cheio de seringas e estudámos a toxicodependência como doença. Falámos com a enfermeira escolar. O campo de jogos foi melhorado e os prédios degradados estão a ser arranjados (Miguel C.).

No 6.º ano, os alunos da Turma 1 já conheciam os procedimentos associados à construção de projetos e procurou-se uma temática que agradasse a todos. No início não foi fácil, porque os interesses eram muitos, no entanto, um dia, numa aula de História, o professor relacionou o nome de ruas da cidade com figuras históricas locais e nacionais e os alunos quiseram saber a razão do nome das ruas onde moravam. Realizaram um trabalho de pesquisa e quando apresentaram as informações que recolheram foram muito para além do nome da sua rua: falaram dos moradores, dos prédios, dos aspetos positivos e negativos e manifestaram interesse em saber mais para poderem melhorar a sua qualidade de vida. Estava iniciado o projeto. O nome deste projeto foi dado a partir da atividade da questão globalizadora “Se esta rua fosse minha, eu...” (limpava o lixo, colocava ecopontos, desenhava passadeiras, ...). Foram registadas as intenções iniciais, categorizadas por temas e identificadas as questões de partida: “Há qualidade ambiental nas nossas ruas?”, “A nossa rua é promotora de saúde?”, “A nossa rua é amiga das crianças?” e “Como melhorar o nosso ambiente de vida?”. Foram também identificados os núcleos de investigação, nomeadamente, a saúde, o ambiente, o lazer, o risco e as relações interpessoais.

Todo o processo de construção do projeto foi sustentado na vontade dos alunos. O professor desafia o diálogo, organiza o registo das ideias, questiona nos momentos de impasse e vai assegurando que o caminho é o que as crianças desejam. Não é fácil gerir a comunicação nestes momentos de criação para que todos tenham um espaço de opinião. O entusiasmo, a heterogeneidade das opiniões, a diferença de comportamentos, geram facilmente o caos se não for criado um eixo organizador, que, neste caso, é o registo das ideias mais aceites pelo grupo. Outro aspeto a ter em conta é a organização da aprendizagem de acordo com as orientações curriculares nacionais e da escola. Uma das dificuldades que os professores referem é a natureza aberta dos projetos, a rigidez dos currículos e dos manuais escolares, observados como orientadores do estudo e da aprendizagem disciplinar. Construir a relação entre o que os alunos

desejam e o que o currículo exige no tempo de um ano letivo é um constrangimento difícil de ultrapassar sem que os professores se articulem entre si para que temáticas, recursos, formas de trabalho e de avaliação possam ser utilizadas em comum. Neste projeto, os alunos apresentaram as ideias iniciais a cada um dos professores para que estes definissem o âmbito de participação de cada disciplina e as formas de articulação através de processos de multi, inter e transdisciplinaridade. A Figura 3 apresenta o resultado dessa consulta, que passou a figurar como orientadora do trabalho.

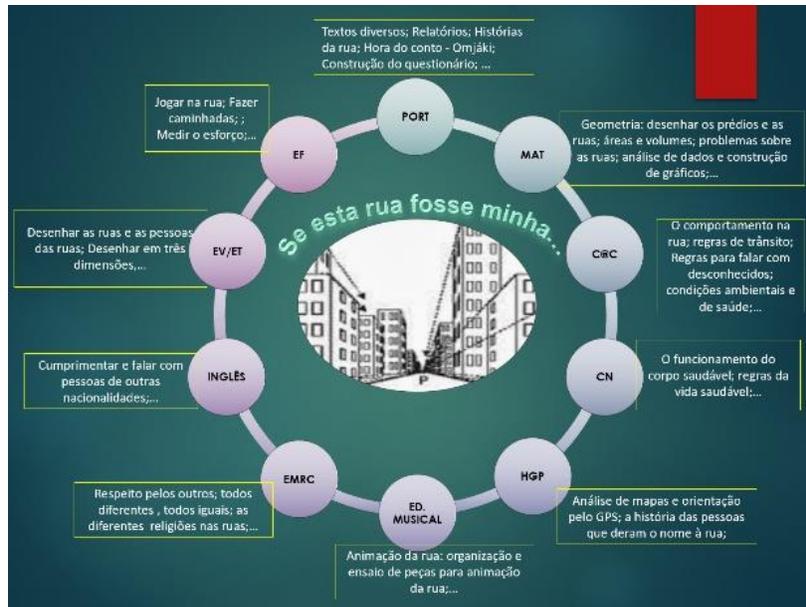


Figura 3 – Esquema representativo da cooperação de cada disciplina no projeto “Se esta rua fosse minha...”.

Uma das atividades que as crianças salientaram como tendo sido a mais desafiante foi a de entrevistarem moradores nas suas ruas. Não se sentiam confortáveis em falar com desconhecidos. Foi tudo organizado meticulosamente e, numa bela manhã de sol, saíram seis grupos acompanhados por alunos dos cursos de Educação da Universidade do Minho para realizarem as entrevistas. Voltaram excitados, com muitas coisas para contar, felizes com a coragem que tiveram e os resultados conseguidos. Depois organizaram os dados, selecionaram os gráficos que melhor apresentavam os resultados e que facilitavam a sua análise e extraíram conclusões. A Figura 4 mostra o cartaz-resumo do projeto onde se podem observar as atividades que os alunos consideraram mais relevantes.

O aspeto mais referido foi a dificuldade de brincar na rua. Procuraram-se os espaços de recreio e desporto existentes nos bairros e várias aulas de Educação Física foram feitas nesses espaços. Num campo de jogos de um dos bairros foram confrontados com a degradação do espaço e com marcas evidentes do seu uso por toxicodependentes. As experiências relatadas

pelos alunos e as dúvidas que apresentaram mostraram a relevância de aprofundar o estudo com o apoio de parceiros e surgiram desafios lançados a instituições locais, quer para o apoio a toxicodependentes, quer para a reabilitação dos espaços desportivos.

Uma outra atividade que os alunos consideraram relevante foi o estudo da pintura de um prédio degradado onde morava um dos colegas. Os cálculos foram feitos pelos grupos de trabalho a partir da pesquisa de processos e materiais e do apoio de parceiros e familiares. Por fim apresentaram publicamente o projeto, as suas conclusões e as recomendações para a melhoria das suas ruas. A apresentação mais entusiasmante ocorreu numa aula do curso de mestrado em Educação do Instituto de Educação, da Universidade do Minho.



Figura 4 – Cartaz representativo do projeto “Se esta rua fosse minha...” apresentado em Paris em outubro de 2019

Efetivamente, o bairro onde se situa o prédio degradado foi melhorado e o campo de jogos foi reabilitado. A Turma 1 gosta de pensar e sentir que contribuiu para essas e nessas mudanças.

4. Amor é... Amor não é...

“Amor é... Amor não é...” foi um projeto que surgiu perto do dia dos namorados. Perguntámos a todos os alunos do 3.º Ciclo da nossa escola o que era para eles o amor.

Tratámos as respostas e fizemos posters que afixamos no dia dos namorados. Mas era preciso explicar que há comportamentos que não são amor, como o ciúme, a violência e a falta de respeito para com a outra pessoa. Assim fizemos uma apresentação multimédia com fotografias nossas e legendas que explicavam o comportamento errado. Apresentámos esse trabalho em vários locais acompanhado por uma encenação dançada sobre o bullying e a sua resolução. (Beatriz F.)

A Turma 1, ao longo dos cinco anos, foi perdendo e ganhando novos alunos devido aos processos migratórios característicos do nosso tempo, mantendo, porém, uma flexibilidade e uma abertura que facilitavam a inclusão. Os alunos foram amadurecendo, fruto do processo de desenvolvimento próprio destas idades, e a adolescência já dominava os seus gostos e preferências, o que levou à aceitação entusiasta da proposta apresentada pelo Projeto “ART’THEMIS”⁹. Os alunos deram as suas ideias para o desenho da atividade, como já era hábito, em Assembleia de Turma, tendo sido calendarizadas as tarefas e formados os grupos de trabalho, passando-se de seguida à ação. Os professores viram, neste projeto, uma oportunidade para avaliarem conhecimentos e competências já que iriam ser mobilizadas aprendizagens anteriores, como a construção do questionário a aplicar a todos os alunos do 3.º Ciclo, a recolha e a organização dos dados, a sua análise estatística e a preparação da apresentação final. Após as sessões de apresentação e debate das temáticas sobre o amor, o relacionamento saudável entre casais, a violência no namoro e os exemplos de mulheres que conseguiram lutar contra a discriminação, a grande questão que surgiu foi: “O que pensam os jovens sobre o que é o amor?”. Essa foi a base para a elaboração do questionário. Como se pretendia conhecer a opinião de todos os alunos do 3.º Ciclo, optaram por pedir apenas que cada um completasse duas frases: “Para mim, amor é...” e “Para mim, amor não é...”. A análise dos dados identificou muitas situações em que o “amor” era associado a falta de respeito pelo outro, o que exigiu que todas as turmas do 3.º Ciclo debatessem o significado de *amor* nas aulas de Cidadania. Este trabalho, enriquecido com uma coreografia criada pela Turma 1, foi apresentado no Seminário Final do projeto Art'themis+, que reuniu crianças e jovens do norte do país. A Figura 5 mostra o cartaz elaborado pelos alunos para a apresentação do trabalho desenvolvido.

É de realçar que as apresentações públicas dos projetos são momentos-chave de aprendizagem, não só porque os alunos têm de saber comunicar fora do seu círculo de conforto, mas, também, porque validam o trabalho realizado, tornando-o útil para os outros e mostrando o valor social da sua autoria. Salienta-se, mais uma vez, que a cidadania, a cooperação e a criatividade sustentaram todo o trabalho escolar, articulando-se com as disciplinas do currículo. Este projeto levou à criação de um *slogan* da turma que apela à responsabilidade de agir perante as situações que consideram, socialmente, inadequadas: “Aqui estamos nós, que levantamos a

⁹ Consultar o site <http://artthemis.umarfeminismos.org/> para mais informação sobre o projeto.

voz”; neste caso específico, “Aqui estamos nós, que levantamos a voz contra a violência no namoro”. Este foi o grito coletivo usado em muitas outras situações como o bullying, a discriminação, a poluição, a guerra. A assunção de que podiam e deviam levantar a voz contra as situações que colocavam em risco os Direitos Humanos foi uma aprendizagem essencial no caminho do seu desenvolvimento como cidadãos. No entanto, também ficou claro que só levantar a voz não é suficiente. É na ação que se constroem os heróis, como se verá nos pontos seguintes.



Figura 5 – Cartaz representativo do projeto “Amor é... Amor não é” apresentado em Paris, em outubro de 2019.

5. Conhecer o Rio

Ainda no 7.º ano estudámos o rio que passa na nossa cidade. Assim, estudámos o Rio Este (visitando-o, fotografando-o, estudando as características das margens e da sua água, identificando os seres vivos e sabendo qual a sua importância ao longo da história da Cidade). Mas estudámos também o Rio Pitangui e o Rio Doce, do Brasil, o rio Quanza, de Angola, e o rio Bagmati, do Tibete, pelas apresentações feitas pelos colegas desses países. O mais impressionante deste estudo foi compreender que os rios não são respeitados e que existe a ideia de que o lixo pode ser atirado para o rio porque a água tudo lava. Todos os rios estão a ficar tão poluídos que, em alguns, já nem banho se pode tomar! (Vithor M.)

A Turma 1, no início do 7.º ano, altura em que se realizou este trabalho, integrava alunos portugueses, brasileiros, angolanos e nepaleses que manifestaram interesse em falar dos rios que conheciam, até porque um dos jovens fez relatos impressionantes da tragédia provocada pela barragem de Mariana no local onde vivia.

Foi decidido que o estudo do rio permitiria que os estudantes da turma pesquisassem os rios que conheciam. Mais uma vez, foram consultados os professores para se compreender a contribuição que cada disciplina daria ao projeto e para se poder desenhar a articulação multi, inter e transdisciplinar. A Figura 6 apresenta as decisões tomadas, permitindo igualmente identificar as ações e as aprendizagens esperadas nas várias disciplinas.



Figura 6 – Esquema representativo da cooperação de cada disciplina no projeto “Conhecer o Rio”.

O esquema sobre o projeto “Conhecer o Rio” foi sendo construído com a participação de professores e alunos para que se tornasse clara a relevância de cada uma das experiências de aprendizagem e as formas como seria feita a avaliação individual e coletiva. Pretendia-se que os alunos fossem capazes de monitorizar o seu trabalho, identificando a qualidade do que estavam a aprender e pudessem usufruir do acompanhamento necessário para que melhorassem ou aprofundassem os seus comportamentos sustentados no conhecimento específico disciplinar e, mais globalizado, interdisciplinar. O esquema apenas aflora o essencial, sustentando-se em processos complexos de diversificação e diferenciação curricular concordantes com as características de aprendizagem de cada um dos alunos. A Cidadania e as Tecnologias de Informação e Comunicação estão fora do esquema central, sendo essa a forma como se pretendeu mostrar que são áreas de trabalho global, aprendizagens que se observam, utilizam e

avaliam em qualquer momento, dependendo da tarefa e do contexto em que são realizadas. A Figura 7 mostra o cartaz construído pelos alunos para a apresentação do projeto, salientando algumas das atividades realizadas.



Figura 7 – Cartaz representativo do projeto “Conhecer o Rio” apresentado em Paris em outubro de 2019.

6. Jogos de Tabuleiro

Este projeto consistiu na construção de seis jogos de tabuleiro. Tudo começou por uma história criada por mim, uma história em que a pessoa que a lia, ia fazendo escolhas e construindo o seu próprio caminho, existindo assim muitas histórias dentro do mesmo texto. Era uma história interativa¹⁰. A partir dessa ideia a turma dividiu-se em seis grupos e cada um construiu a sua história e o seu tabuleiro. Para jogar era necessário

¹⁰ Esta história, criada pelo César durante as férias de Verão do 6.º ano, teve por base um par de livros apresentados e lidos em voz alta à turma numa “Barrigada de Histórias”. São livros que permitem a interação com o leitor de uma forma muito intensa, pois há decisões que têm de ser tomadas no final de cada capítulo. São sempre apresentadas três opções e o leitor tem de escolher uma. Cada opção leva a diferentes percursos, a diferentes aventuras e isso fê-los compreender que cada decisão que tomamos tem uma consequência e que estamos constantemente a tomar decisões e a lidar com as consequências, seja na escola, na família ou com os amigos. A turma gostou muito desta experiência de leitura em voz alta em constante interação e em que a continuação da história depende das decisões tomadas, mas o César ficou maravilhado com estes livros e com a multiplicidade de caminhos que se podem construir consoante o que decidimos e esta foi a semente que deu origem ao projeto “Jogos de Tabuleiro”, pois de uns projetos nascem outros.

responder a questões relacionadas com os assuntos das várias disciplinas do 7.º ano. As histórias baseavam-se sempre em princípios de cidadania e de proteção ambiental. Fizemos torneios na escola com estes jogos e até houve uma editora que nos quis comprar, mas... acabou o ano letivo. No entanto conseguimos perceber o que era o empreendedorismo. (César)

A construção dos seis jogos de tabuleiro acompanhou todo o ano letivo. Foi um trabalho muito intenso e pleno de dificuldades que tiveram de ser vencidas. Muitas pesquisas foram realizadas e, como os jogos foram integralmente executados pelos alunos, houve muito trabalho de planeamento, de estudo, de esquematização, de desenho, de corte, de impressão e de experimentação. Apresentaram-se os jogos numa Feira de Empreendedorismo e, para isso, tiveram de os divulgar nas redes sociais, utilizando aplicações adequadas ao produto. Tinham a intenção de, nos anos letivos seguintes, construir versões adequadas aos 8.º e 9.º anos, de modo a permitir que, pelo jogo, os alunos pudessem avaliar os conhecimentos das várias disciplinas, mas a pandemia impediu a concretização desta ideia empreendedora. No entanto, ainda conseguiram apresentar e jogar os jogos em Paris, em outubro de 2019, no âmbito do já referido FIDEC. A Figura 8 apresenta o cartaz elaborado para a divulgação deste projeto.



Figura 8 – Cartaz representativo do projeto “Jogos de Tabuleiro”.

7. Guerra nunca mais

“Guerra nunca mais” é o projeto que dá o nome a esta secção do texto, por ter sido o primeiro a ser apresentado pelos alunos no Webinário e por nos ter tocado a todos de uma forma especial. Foi realizado ao longo do 8.º ano de escolaridade e teve de respeitar as regras instituídas

pela escola face à pandemia SARS-CoV-2, nomeadamente, todo um período letivo em confinamento. O projeto é aqui apresentado pela voz dos alunos, através dos textos que construíram e que foram validados pela turma.

No início do ano letivo, como já era hábito nos anos anteriores, realizaram-se Assembleias de Turma para decidir o tema ou o problema que seria central no projeto de aprendizagem da turma. Foi reconhecido, consensualmente, que todos tinham a arte como um interesse comum, tendo-se tornado esse o núcleo central do projeto.

No 1.º Período analisámos as nossas ideias sobre arte e, de acordo com as oportunidades que tivemos, experimentámos diversas manifestações artísticas: - refletimos o papel do cinema como movimento artístico através da análise de curtas metragens de animação e de filmes como “Ruth”, “a Rainha do Katué” e “Coco”; - participámos em workshops de ilustração e de pintura; - visitámos exposições de ilustração; - encenámos o “Poema do homem constipado”, de António Lobo Antunes; - ouvimos a 9.ª Sinfonia de Beethoven; - estudámos a vida e a obra de Picasso; - analisámos fotografias sobre os Direitos das Crianças; - pesquisámos o papel da ilustração e da música nos jogos de computador; - pesquisámos a Arte na Matemática e na Natureza; - entrevistámos uma pintora e ficámos a conhecer o percurso de estudo que ela fizera. (Sónia C.)

Das experiências vividas pelos alunos ao longo do 1.º período letivo, analisadas pelas várias disciplinas que se encontram descritas na Figura 9, resultou a ideia de que a Arte é transformadora do artista e/ou do meio onde se manifesta, ou seja, funciona como um núcleo de desenvolvimento da cultura e da inteligência, nas suas várias dimensões e, por isso, o projeto passou a ter como objetivo identificar as transformações provocadas pelas manifestações artísticas. Esta decisão mostra a evolução dos alunos na interiorização do que é Arte.

Em outubro, um grupo, representando a turma, participou no “International Childrens Rights Festival and Citizenship”, em Paris. Na escola, tentámos acompanhar o grupo, visitando os locais através de ligações online. Em Paris, os que foram, puderam ver a arte de Picasso ao vivo! Partilharam imensas fotos. Nesse encontro, conheceram uns artistas de um circo alemão que os iniciaram nas artes circenses e que se propuseram visitar a escola, em janeiro. (Alfredo M.)

O convite para a participação no FIDEC (Festival Internacional dos Direitos da Criança e da Cidadania), alusivo a temas sempre centrais em todos os projetos que a turma já tinha vivido, foi recebido com muito entusiasmo, em meados do 3.º período do 7.º ano. Como só poderiam ir a Paris oito alunos, a turma definiu critérios e selecionou os colegas que os representariam.

Juntos prepararam a participação no Festival, bem como as visitas de estudo e os debates.

Dividiram-se em grupos para a construção dos cartazes referentes aos projetos que queriam apresentar dos anos anteriores; organizaram as animações de que o grupo de Portugal seria responsável em Paris e planejaram minuciosamente a viagem. A partir do momento em que o grupo escolhido viajou para Paris em outubro de 2019, foi acompanhado pelos colegas, momento a momento, pelas redes sociais e por aplicações digitais. Na volta, o pequeno grupo trouxe amigos e uma surpresa: a vinda de uma escola de circo alemã, o “Circus Radieschen”¹¹ e a oportunidade de experimentarem as artes circenses, na sua própria escola, durante uma semana, em horário completo das 8:30 às 16:00 horas.



Figura 9 – Esquema das experiências artísticas vividas e da participação das várias disciplinas.

Assim, em janeiro, durante todo o horário escolar, nós e outros alunos da escola, aprendemos várias artes circenses e conseguimos montar um espetáculo que apresentámos a todos os nossos colegas da escola, aos professores e aos nossos pais. Até aprendemos a treinar a Bica, uma cadela artista. (Anastácia M.)

No final dessa semana foi necessário avaliar o que aprendemos e como aprendemos. Fomos nós, orientados pela nossa diretora de turma que identificámos as dimensões e os critérios de avaliação. Utilizámos a aplicação *mentimeter* para fazer o levantamento dos resultados. (Sofia N.)

Na nossa autoavaliação escolhemos como critérios o comportamento, o interesse, o esforço ou o empenho que apresentámos, a pontualidade com que chegávamos aos ensaios, a nossa participação efetiva, a forma como apoiámos os nossos colegas e a coragem, porque para fazer alguns exercícios era realmente preciso ter coragem! (Rita M.)

¹¹ Ver o site <https://www.radieschen.de/>

Também avaliámos as próprias atividades, apreciando o grau de dificuldade, o interesse da atividade, as aprendizagens que fizemos, a inclusão, isto é, se permitiam que todos tinham a oportunidade de poderem participar e a diversão que sentimos. (Raquel R.)

Avaliámos o desempenho dos professores: a sua paciência para connosco, o empenho em ensinar todos, sem diferenças, a coordenação, ou seja, como se articulavam entre si, o conhecimento que tinham sobre o que estavam a ensinar, a capacidade que tinham de aprender connosco e a comunicação. Na generalidade, todos nos saímos bem. A comunicação foi o aspeto mais difícil porque alguns professores, mesmo a Bica¹², falavam alemão e nós português. Mas aprendemos uns com os outros. (Alfredo) Pedimos aos professores que voltassem. Combinaram que o fariam na próxima primavera. (Rui M.)

Foi realizada uma parceria com as escolas alemã e portuguesa, respetivamente, “Circus Radieschen” e “Circus Vagabunt”¹³, que se tornaram artistas residentes no espaço da escola e que, durante uma semana, desenvolveram um curso de artes circenses para a Turma 1, integrando também o grupo de alunos do Ensino Especial e outros alunos e professores que manifestaram interesse nesta arte. O malabarismo, a acrobacia, o trapézio e o treino animal foram explorados de forma interdisciplinar. Participaram meia centena de alunos e professores na organização de um espetáculo final para a comunidade escolar. Esta experiência sustentou a segunda parte do projeto “Arte que transforma” em que a turma planeou um espetáculo para apresentar publicamente no final do ano letivo, tal como mostra a Figura 10.

Com tudo o que aprendemos, desenhámos um espetáculo centrado no “Poema do homem constipado” articulado com dança, música e artes circenses. Tínhamos até o apoio de duas alunas de mestrado da Universidade do Minho na encenação e na criação dos cenários. Já tínhamos combinado com os professores a contribuição de cada disciplina no nosso espetáculo. (Anastácia M.)

Em fevereiro, tivemos mais uma experiência inspiradora: a convite da Diretora da Escola “Circus Radieschen”¹⁴ (Oldenburg, Alemanha), a turma foi convidada para ir à Escola Alemã de Lisboa participar num momento cultural que incluiu uma peça de teatro sobre a vida dos artistas circenses durante a Segunda Guerra Mundial, seguida de atuação de Esther Bejarano¹⁵, artista, intérprete, prisioneira de Auschwitz e uma das

¹² A *Bica* é uma cadela que faz parte da trupe circense e entra em diversos números de malabarismo e acrobacia. Foi encontrada abandonada e adotada pela “Circus Radieschen”.

¹³ Atualmente são a “Escola Circo VagaMundo” – ver a página <https://www.facebook.com/CircovagaMundo>

¹⁴ Ines Rosemann, estudou pedagogia social na Alemanha na Universidade CvO e fundou a Escola Circus Radieschen em 1999.

¹⁵ Esther Bejarano morreu a 10 de julho de 2021 – <https://bit.ly/3jF6vly> .

últimas sobreviventes dos campos de concentração nazi. (Vithor)

Como se verá, esta última experiência foi fulcral na definição do trabalho a desenvolver durante o tempo em que a turma esteve confinada para evitar os contágios de SARS-CoV-2.

O planeamento estava concluído, os textos encontravam-se escritos, as tarefas divididas, o calendário organizado, as parcerias contactadas... Tínhamos começado os ensaios e dividido as tarefas. (Letícia)

Quando, no dia 13 de março, fomos todos para a casa com a esperança de voltar daí a um mês... Mas não voltámos. (Carolina B.)

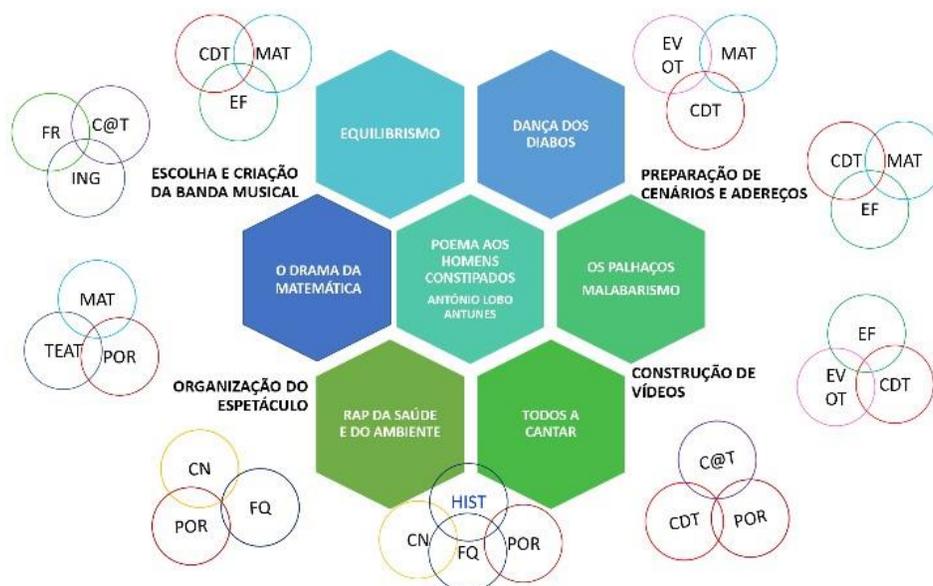


Figura 10 – Plano de desenvolvimento do espetáculo a apresentar no final do ano letivo.

Em casa, iniciámos o ensino a distância com os dispositivos disponíveis, que eram muito diferenciados, incluindo computadores antigos utilizados por vários irmãos ou por pais em teletrabalho, telemóveis com diferentes tecnologias de comunicação e redes de internet muito instáveis. O desencanto foi notório, o desinteresse tornou-se perigoso, o tempo de aprendizagem individual e coletiva perdeu qualidade. Durante algum tempo a preocupação foi conseguir que todos os alunos da turma tivessem condições tecnológicas para poderem participar nas sessões presenciais, vencendo a desilusão dos planos interrompidos por tempo indeterminado. Depois foi preciso motivá-los para que continuassem a aprender, mesmo estando cada um na sua casa, isolado. Debateram-se temas e processos:

Foi assim que surgiu uma ideia de projeto que poderíamos desenvolver à distância. (Beatriz B.)

A ideia surge a partir das experiências vividas pelos alunos e por uma proposta da Professora Andréa Duarte de desenvolver uma “Tertúlia Literária Dialógica” à distância, tendo como base o Diário de Anne Frank, uma menina que também esteve confinada num sótão, com a mesma idade dos jovens da Turma. A ideia foi muito bem acolhida e logo se procuraram versões digitais do Diário que pudessem ser lidas nos telemóveis. As experiências que suscitaram este projeto estão descritas na Figura 11.

Como se pode ver, a participação no Festival comemorando os 30 anos dos Direitos da Criança, a experiência com a Escola de Circo Alemã pretendendo que ninguém se esqueça do sofrimento vivido pelos artistas de circo, na II Guerra Mundial, a leitura do Diário pela Esther Bejarano, relatando o que foi viver num campo de concentração e o seu autógrafo com a frase “Guerra nunca mais”, levou-nos a ler o Diário de Anne Frank. (Sónia C.)

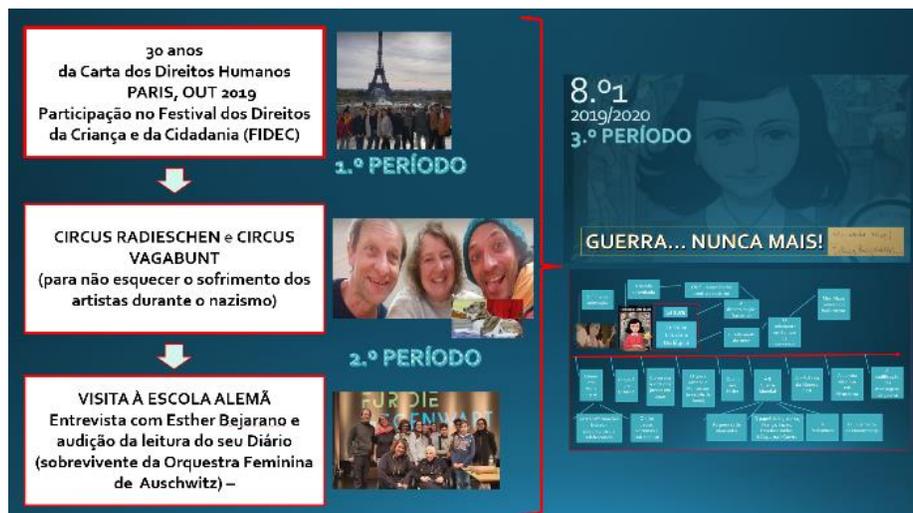


Figura 11 – Fundamentos do Projeto “Guerra nunca mais”.

As “Tertúlias Literárias Dialógicas” iniciaram-se com a leitura, no coletivo, de “O Diário de Anne Frank”¹⁶ e foram acompanhadas por momentos de observação do filme e de debate sobre a relação entre as características de um confinamento, em tempo de guerra, em meados do século anterior, e em tempo de pandemia, no início do século XXI, com toda a tecnologia de comunicação atualmente existente. As questões colocadas pelos alunos levaram à organização de grupos de pesquisa (sessões assíncronas) e de apresentação do conhecimento construído (sessões síncronas), sempre de forma aberta e flexível, ou seja, permitindo a manifestação livre de opiniões, pensamentos e experiências de vida. Os professores foram convidados a comentarem e a aprofundarem as temáticas em estudo, mesmo as que não dissessem

¹⁶ “Diário de Anne Frank - Diário Gráfico”, de Ari Folman, David Polonsky e Anne Frank (Porto Editora, 2017).

diretamente respeito a esse ano de escolaridade, pois eram imprescindíveis para a compreensão do contexto em que Anne Frank viveu e que a levaram à escrita do seu diário. A Figura 12 apresenta, sinteticamente, cada um dos momentos desenvolvidos.

Realizámos, em sessões Zoom, uma “Tertúlia Literária Dialógica” sobre o “Diário de Anne Frank” em banda desenhada. Após a leitura, cada um de nós escolheu um parágrafo que lhe parecesse mais sugestivo, lendo-o em voz alta para a turma. Depois seguiam-se os comentários. Nesta tertúlia tivemos a presença e apoio da professora Andréa Duarte do Instituto das Comunidades Educativas. (Leandro)

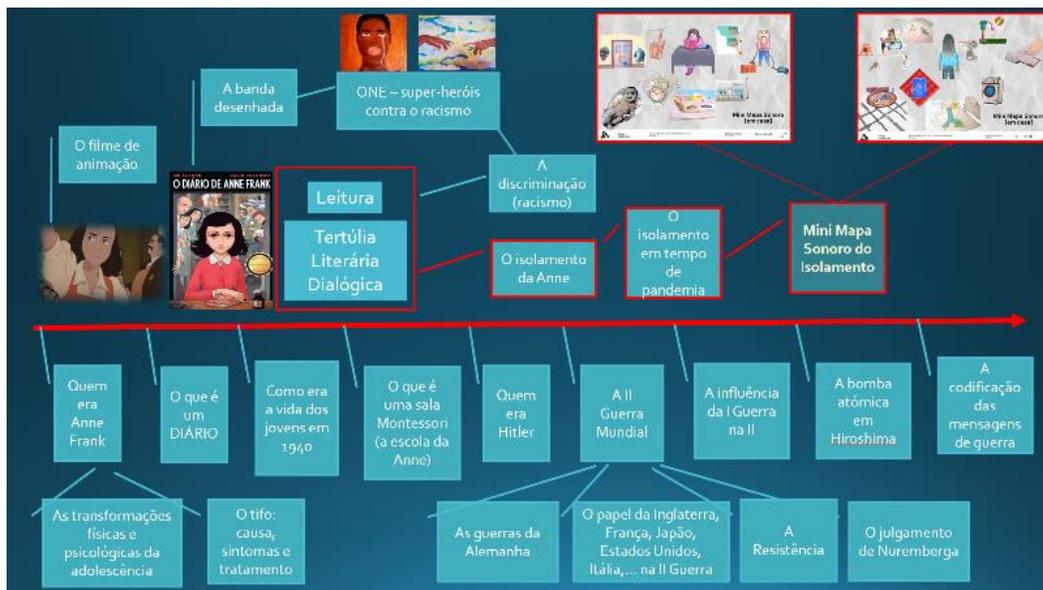


Figura 12 – Atividades do Projeto “Guerra nunca mais”

Foi a partir desta reflexão sobre o Diário que nos surgiram muitas questões que dividimos pelos elementos da turma. Cada um, sozinho ou em pequeno grupo, fizemos pesquisas e apresentamos aos colegas o que aprendemos: quem era Anne Frank, como era a vida dos adolescentes no tempo da Anne Frank, o que era uma Sala Montessori (a Anne frequentou uma sala assim), o que era o tifo (pensa-se que a Anne morreu de tifo num campo de concentração), qual foi a participação de vários países na Guerra, quais as consequências do lançamento da bomba atômica, entre outras aprendizagens. (César)

Por proposta da “Braga Media Arts”, cada um de nós gravou um som que se ouvia em casa durante o isolamento. Gravámos com o nosso telemóvel e desenhámos a fonte do som. A “Braga Media Arts” compôs quadros interativos sobre os sons do confinamento. Assim, a Sofiiia gravou o som da sua leitura diária em russo, a Letícia gravou o som dos pincéis sobre a tela enquanto pintava, o Diogo gravou a sua sobrinha bebé, a Rita o

som do aspirador e o Alfredo o som do despertador a tocar à hora do almoço¹⁷ (Paulo). O Vithor gravou o som da bola a bater no chão, durante os treinos, o Miguel, o som das folhas do livro enquanto lia, o Rui, o cão a ladrar, a Carol, o som do seu passarinho à janela, entre outros sons¹⁸. Este trabalho também serviu para podermos comparar o nosso isolamento com o da Anne Frank. Nós temos um isolamento muito mais agradável, com o recurso às redes sociais. (Bruno)

Resolvemos construir uma história em banda desenhada sobre um grupo de heróis – os ONE – que iria resolver os problemas identificados no mundo. O que nos pareceu mais grave, naquela altura, foi o racismo. Cada um de nós decidiu qual o superpoder que gostaria de ter. Eu comecei a desenhar alguns dos super-heróis, mas não consegui acabar. Na figura podem-se observar duas pinturas feitas pela Letícia sobre o racismo. (Miguel M.)

A avaliação do projeto permitiu compreender o impacto que teve nos alunos, de que forma se sensibilizaram com o trabalho desenvolvido e como os ajudou a suportar os três meses de isolamento que tiveram de viver, respeitando um regime de aprendizagem à distância com condições que, para muitos, não foram as ideais.

Como sempre tivemos de avaliar o nosso trabalho. Foram definidas três questões: “O que nos trouxe este projeto?”; “Que palavras-chave associamos a este projeto?” e “Que sentimentos tivemos durante o projeto?”. As respostas que a turma deu para a primeira questão foram: Informação; Sabedoria; Empatia; Estudo; Amizade; Partilha; Compreensão; União; Conhecimento; Consciência; Autonomia. Quanto às palavras-chave associadas ao projeto foram: Incrível; Regenerador; Emocionante; Família; Medo. Por fim, os sentimentos que foram identificados: Raiva; União; Tristeza; Solidão; Ternura; Carinho, Humildade. (Rita M.)

No debate final, depois de explicarmos as respostas que demos às questões anteriores, referimos o que mais nos impressionou neste trabalho: a cobardia dos nazis; a tristeza desta história real; a união faz a diferença; todos juntos somos mais fortes; o medo; fazer tudo para que não exista nazismo; a coragem que temos de ter; força para enfrentar as diferenças; reclamamos da nossa vida mas vivemos muito bem; ter um pensamento próprio e questionar o pensamento das maiorias até termos a certeza de que estão a pensar bem; nunca desistir, mesmo que tenhamos de adiar a decisão; ver sempre o lado positivo, o lado bom da vida; “Guerra, nunca mais”. (Miguel C.)

O final do ano letivo foi dedicado a construir as linhas mestras para o projeto do 9.º ano que, na opinião de todos, tinha de continuar a ser sobre os heróis reais, aqueles que transformam

¹⁷ Ver o link <https://bit.ly/3h2WbbH> para ouvir os sons correspondentes.

¹⁸ Ver o link <https://bit.ly/3BEgbcv> para ouvir os sons referidos.

o mundo pelo seu compromisso e as suas ações. Foi definido o tema geral, “De que são feitos os heróis”, o qual foi desdobrado em seis projetos: “Heróis dos Lusíadas”, “Heróis da Música”, “Heróis da Pintura”, “Heróis das Cidades do Mundo”, “Heróis da Nossa Vida” e “Nós somos Heróis?”.

Mas este é um projeto que ficará para outra história!



WAR NEVER AGAIN - CLASS 1 LEARNING PROJECTS

Abstract

This paper describes a set of learning projects cooperatively developed by the students of Class 1 throughout the 2nd and 3rd Cycles of Basic Education. The various dimensions of their participation, the articulation between school subjects in the construction of the curriculum, identifying the relations of multi, inter and transdisciplinary, and the importance of class and school friends as facilitators of learning, are contemplated. Education for Citizenship is highlighted as a central element in the development of the projects, allowing an informed and thoughtful look at the world, as well as the design of creative actions capable of voicing the students in their citizen action, supported by school knowledge and the experiences of everyday life.

Keywords: Learning Projects; Cooperation; Citizenship; Creativity; Curricular Articulation